



## **Juventudes, memórias e territorialidades: caminhantes do Morro de Santiago<sup>1</sup>**

**Samaisa dos Anjos<sup>2</sup>**

**Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC).**

### **Resumo**

Este trabalho exercita a análise da relação entre as memórias construídas, as imagens consumidas e as experiências ressignificadas por educadores e jovens de uma edição do projeto Memórias, da Rede Cuca, em Fortaleza (CE). Buscamos assim entender como os jovens e educadores participantes das oficinas e rodas de conversa (processo que resultou em um filme) vivenciaram o encontro das imagens consumidas, especialmente em programas de televisão e notícias jornalísticas, e da experiência de conhecer o Morro de Santiago por meio de um projeto que envolveu formações em histórias de vida, câmera e edição de vídeo.

**Palavras-chave:** juventudes; memória; imagem; Rede Cuca.

### **Introdução**

O Morro de Santiago é um território encravado na Barra do Ceará, bairro de Fortaleza (CE) que guarda importância histórica para a cidade e, em 2015, foi atravessado pelo caminhar de jovens e educadores participantes do projeto Memórias, parte da programação e propostas da Rede Cuca<sup>3</sup>, iniciativa da Prefeitura de Fortaleza. Em um ambiente de duna e ocupação irregular, moradores de diferentes

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 7 – Comunicação, Consumo e Memória, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação- Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

<sup>2</sup> Jornalista, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap). E-mail: samaisa.anjos@gmail.com

<sup>3</sup> A Rede Cuca é formada por três Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca), equipamentos públicos que oferece cursos, oficinas, esportes, espaços de cultura para jovens de 15 a 29 anos em três bairros da capital cearense, Barra do Ceará, Jangurussu e Mondubim. São geridos por uma Organização Social e financiados pela Prefeitura de Fortaleza.



faixas etárias, ocupações e histórias de vida convivem com a ausência de serviços públicos básicos. Saneamento básico e coleta de lixo, por exemplo, não fazem parte da rotina do Morro de Santiago. E, apesar da proximidade com um equipamento público de referência para a juventude – mesmo assim ainda desassistida – da capital cearense, a participação em atividades propostas e a construção de vínculos com profissionais do Cuca Barra, especialmente educadores sociais, é movimento recente.

Neste trabalho, pretendemos partilhar o exercício de análise e aproximação de um projeto realizado em 2015 pelo Cuca Barra que envolveu o Morro de Santiago, resultando na exposição fotográfica “Santiago: memórias, afetos e resistências” e no documentário “Cartas para Santiago”<sup>4</sup>, frutos do processo do projeto Memórias, que envolveu jovens, moradores do Morro, educadores sociais e facilitadores das oficinas ao longo de quatro meses. Entendendo, como compartilhado por Gorczewski e Soares (2014), de que os “são muitas as formas de viver e habitar uma cidade. São também muitos os modos de uma cidade se apresentar a cada um de nós” (2014, p. 18), buscamos aproximação com as experiências – narradas pelos participantes um ano após o processo – vivenciadas ao buscar as história, imagens e discursos do Morro de Santiago por pessoas que não conheciam o território ou o conheciam parcialmente.

Ao abordar temas relacionados à juventude, gangues urbanas e violência, Diógenes (2008) aponta que “o ator social constitui-se como ator, mergulhado em uma diversidade de polifonias narrativas e policromias visuais, ensejando campos alternativos de sociabilidade e novos referentes de pertencimento” (2008, p. 187). E, abordando os processos de comunicação e consumo de informação que constroem diferentes formas e relações no mundo atual, com a apropriação cada vez maior – e sob a constante necessidade de aprofundamento e problematização – dos meios de produção e, assim, a possibilidade do surgimento de novas narrativas sobre territórios, identidades, memórias e pertencimentos, entendemos a importância de nos debruçarmos em um exercício como o que aqui buscamos realizar.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hIixceaM9XY&feature=youtu.be>



Para Bonin e Saggin (2016), são constituídas culturas e identidades dos sujeitos que se apropriam das mídias no processo de midiaticização que reconfigura os diversos campos sociais, com incidência e conseqüências distintas.

Avistamos um processo que extrapola as fronteiras midiáticas, entrelaçado nas práticas de apropriação comunicativa dos sujeitos que potencialmente criam e recriam, reconstroem e modificam práticas sociais mais variadas a partir dos contextos concretos em que vivem. (BONIN e SAGGIN, 2016, p. 3)

### **Subindo o Morro e criando entendimentos**

Como parte do exercício de pesquisa aqui compartilhado, foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas com participantes do projeto Memórias: um jovem e uma educadora social e facilitadora de um módulo da formação técnica. Entendemos que a escuta, com questões norteadoras, mas aberta para as abordagens várias que podem surgir no processo de fala e de escuta, é um caminho acolhedor para os atravessamentos que tais vivências poderiam trazer para o momento. Também realizamos um exercício de análise sobre as linhas narrativas do filme Cartas para Santiago, que resultou em artigo anterior<sup>5</sup> e que citaremos rapidamente no presente trabalho.

Para entendermos a relação entre o equipamento público voltado para as juventudes e os territórios da região da qual faz parte, partilharemos das indicações e experiências da educadora social. A narrativa da Educadora<sup>6</sup> aponta para o processo lento e de conquistas e afetos que resultou na aproximação com o território do Morro de Santiago. O local, apesar de muito próximo do equipamento público Cuca Barra,

---

<sup>5</sup> O artigo Cartas para Santiago: narrativas das juventudes foi apresentado no GT 05 – Imagens de realidade, no III Congresso Internacional Red INAV, em março de 2016.

<sup>6</sup> Optamos por não revelar os nomes dos entrevistados envolvidos neste trabalho, escolhendo assim pseudônimos relacionados às temáticas conversadas durante as entrevistas semi-estruturadas.



não fazia parte da rotina de atravessamento de muros dos profissionais, como relato a seguir.

A gente não subia, quem subia sempre era a médica. E a gente era criticado por isso, porque a gente falava tanto de violência contra o jovem, de extermínio da juventude negra, mas a gente não olhava para a comunidade que gritava na nossa cara. Mas acho que tinha a nossa falta de preparo no começo, a falta de direcionamento do próprio equipamento em relação ao nosso trabalho, a gente não é direcionado, a gente descobre o que é o nosso trabalho fazendo. E tinha medo mesmo, assim. A gente ia lá fazer o quê? A mídia aterroriza mesmo. (Trecho de entrevista realizada no dia 18 de abril de 2016).

Nos relatos, os passos dados pelos educadores sociais são apontados como essenciais para a aproximação com os jovens, os demais moradores e a rotina do território, que amedrontava e que era apontado como ponto de problemas para dentro do equipamento, com casos de desobediência às regras estabelecidas para uso de certos espaços, como a piscina. A Educadora explica, por exemplo, que a abertura atual da comunidade foi conquistada na informalidade do diálogo, “sentar no pátio e ficar conversando” – o que, segundo ela, não era entendido por outros profissionais como atuação no equipamento, mas como “falta do que fazer”. “Eles não entendem a magia que está sendo construída ali, não entendem que boa parte da segurança do Cuca se constitui não de polícia, mas das relações que são feitas com a comunidade”, complementa a Educadora.

O projeto Memórias, em sua terceira edição no equipamento localizado na Barra do Ceará - o primeiro a ser inaugurado na Rede, em 2009, enquanto os demais só entraram em funcionamento em 2014 - possui abordagens de pesquisas sobre as comunidades do entorno do equipamento por meio da produção cultural, as vivências, as especificidades, as histórias relacionadas às memórias das pessoas, dos espaços e dos jovens que mergulham na participação do processo. Assim, além da formação técnica para o uso de câmeras fotográficas de vídeo, composição de roteiros e edição



de vídeos, aconteceu a formação na busca pelos entendimentos e aberturas para as histórias de vida de cada pessoa, da comunidade. Na publicação do Cuca<sup>7</sup> que divulga a programação do mês em que filme e exposição foram lançados, junho de 2015, um dos coordenadores aponta que os jovens perceberam que poderiam contar uma nova história para a comunidade, indo além do exposto pelas TVs.



## O Morro se descortina

Na busca por entender as relações entre as memórias partilhadas e construídas sobre o Morro e as possibilidades de resignificação por meio da experiência, do se deixar afetar pelo outro, compartilharemos das falas de um jovem participante e de uma educadora, assim como de trechos do filme “Cartas para Santiago, como já apontado.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.fortaleza.ce.gov.br/juventude/programacao-mensal-completa-0>



Segundo a Educadora, os processos do projeto e da construção do documentário passaram por questões como dificuldade de escrita, timidez ou negação de aparecer diante das câmeras, curiosidade do uso dos equipamentos, aprendizagem das técnicas e inventividade nos usos das câmeras de vídeo e fotográficas. Para ela, o processo de construção do roteiro e das perguntas a serem feitas aos moradores foram com intensa participação dos jovens, apesar da necessidade de organização dos tópicos e ideias pelos educadores e facilitadores.

A Educadora também aponta para o processo de diálogo para o convite e chamada para participação no projeto Memórias que passava pelo entendimento de que os jovens utilizavam celulares de forma continuada para fazer fotos, vídeos, brincadeiras no cotidiano com seus pares – no equipamento Cuca Barra a utilização da internet livre e gratuita por meio do acesso à rede pelos celulares é um ponto importante de sociabilização e distribuição dos jovens nos espaços - e que a possibilidade de entrar em contato com equipamentos de caráter profissional foi encarada como um possível argumento atrativo.

Ao buscarmos nas reflexões de Gorczewski (2005) sobre as micropolíticas juvenis de visibilidade comunicacional e midiática, entendemos que para além das relações de encantamento com as tecnologias de imagem, “configuram-se práticas e usos que podem gerar processos produtivos e inventivos de subjetivação. Ao produzirem imagens e sonoridades, os jovens produzem a si mesmos” (2005, p. 28).

Um ponto a ser ressaltado nesse processo é o nome do documentário. Segundo a Educadora, o título seria Cartas de Santiago, com a argumentação de que seriam narrativas do Morro para o resto da cidade, para pessoas que não conheciam o local. No entanto, ao longo do processo, foram sendo descobertas as relações de moradia e conhecimento do grupo de jovens com o território. A situação que, segundo nomeou a Educadora, era da existência de um ‘Morro baixo’ e um ‘Morro alto’, em que a subida não era realizada pela maioria dos jovens participantes do projeto Memórias e, conseqüentemente, resultava no não conhecimento da realidade dos moradores da



parte alta ou mesmo da vista que o topo do Morro ofertava<sup>8</sup>. Assim, os jovens participantes decidiram alterar o nome do documentário para Cartas para Santiago, propondo que seriam cartas deles para o Morro não conhecido, com as impressões do processo de conhecimento, como é possível entender no trecho a seguir, parte da decupagem do filme.

“Meu nome é Paulo Victor Mendes da Silva. Eu tenho 14 anos e moro praticamente na Rua do Morro. Antes de subir no Morro, eu pensava que lá só tinha coisa ruim, traficante, droga, que tudo lá simbolizava crime, que as crianças lá no estudava, só andava com arma e tudo mais. Mas depois que eu subi lá pela primeira vez eu vi que era totalmente diferente, que a paisagem lá era a coisa mais bonita do mundo, que o pessoal lá é tipo um família, que todo mundo se ajuda, se um tem dificuldade um pede a ajuda ao outro”.

Entendendo, como apontam Pellanda e Gustsack (2015), quando versam sobre autonarrativas e invenção de si, que “falar na primeira pessoa é autoformação e ninguém, absolutamente ninguém, pode se construir pela pele, mente e alma do outro” (2015, p. 50), buscamos as maneiras como, ao escolherem falar em primeira pessoa, construindo cartas para o Morro antes desconhecido, os jovens mergulharam num processo também de autoformação. E, em diálogo com Bonin e Saggin (2016), apontamos a necessidade de pensar os públicos, os sujeitos, os territórios na “multiplicidade de dimensões constitutivas de sua realidade”, entendendo as reproduções, mas principalmente as invenções e transgressões no campo da comunicação (2016, p. 4).

Assim, durante o filme, observamos linhas temáticas que se desenvolvem por meio das falas dos jovens, dos moradores (idosos e jovens), das imagens captadas e escolhidas para compor o produto final, como o olhar dos jovens pela primeira vez no Morro, as dificuldades enfrentadas no cotidiano dos moradores, o processo de

---

<sup>8</sup> O Morro de Santiago fica em um ponto alto que permite a vista para a ponte sobre o Rio Ceará, que liga os municípios de Fortaleza e Caucaia, o encontro do rio com o mar e o horizonte do município de Caucaia, que faz parte da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).



ocupação e luta por direitos no local (contada por moradoras antigas) e as belezas e solidariedade existentes no Morro e nas relações dos moradores.

Para o jovem participante, que chamaremos de Memorialista, com o qual uma entrevista semi-estruturada foi realizada, o Morro de Santiago era um local do qual não possuía muitas informações, apesar do interesse pela história e locais do bairro Barra do Ceará. As lembranças partilhadas durante a entrevista eram sobre olhar o local do outro lado do rio Ceará (já no município de Caucaia, parte da Região Metropolitana de Fortaleza) e vislumbrar uma área de dunas, com construções e cavalos pastando. O jovem também aponta a importância de, antes do projeto ser realizado, ter havido ações da Rede Cuca por meio de uma iniciativa chamada Cuca na Comunidade, em que serviços e atividades são realizados fora do ambiente do equipamento público e dentro das comunidades do entorno, assim como as relações construídas pelos educadores sociais, que perceberam as demandas e necessidades da juventude. Segundo o Memorialista, a participação no projeto Memórias permitiu que ele visse a beleza da natureza em cima do Morro e se apegasse ao local.

Com módulos que incluíam formações em câmera, história de vida, documentário e edição de vídeo, o processo contou com participação flutuante, ficando no final como realizadores do documentário, oito jovens. As discussões, segundo os relatos, eram variadas, mas buscavam a preparação para a escuta da história dos moradores, assim como atenção à parte técnica e entendimento da importância da composição de um roteiro e, posteriormente, dos processos de edição das imagens produzidas. Segundo o Memorialista, a temática da violência esteve presente nas aulas por meio das narrativas dos jovens e de pesquisa sobre o Morro.

Teve uma aula que foi assim: quando fala em Barra do Ceará, qual a primeira coisa que vem na sua mente? Aí falaram logo, listaram lá, vem o quê violência, droga, arma. Os jovens falaram. Por causa de influências, a maioria dos avós e dos pais passam o dia inteiro no 190, Barra Pesada, Ely Aguiar,



Cabo Fela<sup>9</sup>. Não tem outra coisa, a maioria deles não tem acesso à internet. Tem wifi aqui no Cuca, quando é de qualidade, detalhe. Ou seja, já por influência da TV, isso fica na mente dos jovens. Como eles moram na comunidade, como já ficou na mente dele internalizado, ou seja, sendo até verdade ou não, sempre vai ter. O professor colocou lá no Youtube, quando colocava Barra do Ceará, aparecia o quê? Uma invasão policial, apontando armas para os jovens, só aparecia isso, morte, vídeo de morte e de vez em quando, a ponte. (Trecho entrevista realizada no dia 29 de abril de 2016).

Assim, para o jovem Memorialista, que não é morador do Morro, o consumo das narrativas midiáticas, especialmente dos programas de TV com caráter policialesco, que abordam o Morro como um local de foco violento fazia parte da construção de uma ideia do território que, por vezes, ultrapassava a realidade, uma vez que ele também indica que há violência no cotidiano do Morro, mas não da forma como as narrativas mostram ou são reproduzidas na rotina.

### **O Morro nas páginas dos jornais**

No filme ‘Cartas para Santiago’, a imprensa é apontada como articuladora de um discurso de violência sobre o Morro de Santiago, não abordando outros aspectos do local, como as dificuldades dos moradores e as outras histórias ali existentes. Tais argumentos aparecem nos seguintes trechos do filme:

Frase em fundo preto: Entre os meses de fevereiro e junho de 2015, um grupo de garotas e garotos se reuniu no Cuca Barra, em Fortaleza (CE) para participar das vivências e das formações do projeto Memórias de Santiago.

Queriam contar histórias da comunidade do Morro de Santiago. Outras histórias, diferentes das **narrativas de violência que aparecem na TV**.

---

<sup>9</sup> Programas de televisão com conteúdo policialesco, em que são exibidos crimes, investigações, ações policiais, a maioria das vezes, em bairros periféricos de Fortaleza. Em alguns deles, utiliza-se também o humor para falar das questões violentas; enquanto outros são apresentados por políticos, conhecidos por formarem a “bancada da bala”.



Voz feminina 1: Assustada por conta da violência que havia naquele lugar, reforçada pelos **programas policiais** (...)

Voz masculina 2: E que lá é totalmente diferente do que muitas pessoas falam, tipo **jornal só fala coisa ruim do Morro**, mas não tem nada a ver o que eles falam. **A mídia deveria falar mais do Morro sobre as dificuldades** que eles passa lá (...)

(Trechos da decupagem do filme ‘Cartas para Santiago’. Grifo nosso)

Para buscarmos entender um pouco mais os argumentos de que há uma imagem violenta do Morro nas narrativas midiáticas da imprensa, optamos por realizar pesquisas nos sites de notícia locais, como o portal Tribuna do Ceará e o jornal O Povo com as palavras-chave Morro de Santiago. A opção pelos dois veículos de comunicação foi relacionada à possibilidade de pesquisa com filtros com maior precisão, como a possibilidade de escolher os anos de pesquisa. Nos demais sites de notícias pesquisados, como do jornal Diário do Nordeste e do programa televisivo Cidade 190, centenas de notícias sem relação com as palavras-chave eram incluídas nos resultados, o que dificultava a verificação necessária para este trabalho.

No portal da Tribuna do Ceará, dos 19 resultados da pesquisa entre os anos de 2010 e 2015, sete eram realmente sobre o Morro de Santiago. As demais notícias eram sobre outros morros ou outras relações do nome Santiago. As sete notícias encontradas compreendiam o período de 2010 a 2015, sendo uma delas sobre a realização do projeto do Cuca no Morro (Memórias), em 2015, e duas sobre áreas de risco de Fortaleza, em 2010 e 2011. As outras quatro notícias sobre o Morro de Santiago eram sobre casos de violência, como arrastões, prisões, assassinatos, roubos envolvendo pessoas moradoras do Morro, grupos organizados ou a proximidade do território, todas do ano de 2012.

Já no site do jornal O Povo, a pesquisa sobre o Morro de Santiago no período de 2010 a 2015 resultou em 35 notícias e, desse total, 22 eram realmente sobre o local, todas relacionadas à editoria de Cotidiano, que trata sobre questões da cidade, como saúde, segurança, educação, habitação, mobilidade etc. Ao analisarmos o



conteúdo do material jornalístico publicado pelo jornal, foi possível indicar que seis abordaram problemas relacionados ao período chuvoso, riscos de desabamento e ações da Prefeitura para áreas de risco, três falaram sobre o papel do Cuca na área (1), obra de urbanização (1), a relação do Morro com a história de Fortaleza (1).

As questões relacionadas aos riscos do período chuvoso para os habitantes do Morro são abordadas também no ‘Cartas para Santiago’, por meio da exposição do medo de que haja desabamentos, apesar de os moradores também aproveitarem as chuvas para a captação de água, uma vez que não existem saneamento e água encanada nas moradas do local. As notícias abordavam, principalmente, ações preventivas da Prefeitura de Fortaleza para que o período chuvoso não resultasse em risco para os moradores de áreas vulneráveis, como morros, encostas, terrenos próximos aos rios, córregos, lagoas etc.

As demais 13 notícias encontradas na pesquisa no site do jornal O Povo abordaram a temática da violência no Morro de Santiago, seja por meio de prisões de traficantes, apreensões de drogas, operações policiais, assassinatos, disputas de territórios. Em ambos os portais de notícias, os conteúdos encontrados abordavam as questões violentas do Morro de Santiago relacionando-as ao contexto macro da Barra do Ceará, bairro que ainda registra altos índices de casos violentos na Capital. Entre as notícias, perspectivas para além dos acontecimentos factuais versavam sobre como os jovens são afetados e envolvidos pelas questões que atravessam o território do local.

O Morro de Santiago, na Barra do Ceará, é palco de histórias absurdas. Como a de adolescentes proibidos de descerem o morro por estarem jurados de morte. “Eles nunca descem. Ficam direto lá, sem o direito de ir a uma escola, a canto nenhum”, denuncia uma fonte que O POVO opta por manter em sigilo. (BRAGA, 2011)

O trecho de matéria de 2011, sobre jovens que não podem sair do Morro por estarem jurados de morte em decorrência do conflito de gangues aponta para um dos aspectos negativos apontados de forma breve por uma moradora, a divisão e marcação



de território. Em trecho do filme em que a moradora, sem identificação de nome, aparece dentro de casa falando sobre a vida no local, ela comenta “aqui você não pode descer pra nenhum canto, porque tem esses negócio de marcação e gente, eu acho que isso devia acabar”.



Com a breve pesquisa sobre as notícias relacionadas ao Morro de Santiago é possível perceber que dois assuntos são tratados: a vulnerabilidade e situação de risco das habitações e a violência, tendo esta última, presença maior nas matérias encontradas. E, nesse mesmo corpus de resultados, as conseqüências várias da violência para os moradores do local são tratadas de forma excepcional (somente uma matéria), ficando a cobertura no aspecto factual dos acontecimentos. Mesmo entendendo a limitação desta pesquisa nos portais de notícias (não adentramos, por exemplo, ao universo dos programas policiais), é possível indicar uma predominância da imagem violenta do local na imprensa local.

### **Breves considerações**

As experiências aqui partilhadas e foco do exercício de análise propiciam diversos olhares, abordagens e entendimentos dos processos e relações nos encontros entre memórias construídas, imagens consumidas e experiências ressignificadas. Dentro de



uma lógica de resultados a serem organizados, a Educadora opina que as relações estabelecidas e os processos construídos na experiência do projeto Memórias ultrapassam os dados que, em muitos momentos, as políticas públicas necessitam para apontar os alcances das iniciativas.

Não foram impactos de números, técnicos, pode ser que eles nunca mais mexam com cinema, mas foram outros impactos, talvez não impactos sociais de transformações físicas, foram impactos sociais de transformações internas de todos os envolvidos. Alguns mais outros menos. Um processo que ou você está aberto ou está fora. Tem que se despir de todos os preconceitos. [...] Quem são essas pessoas? A ideia é ‘não conheço nada delas’ e vou conhecer o que elas me apresentarem e vou fazer minhas leituras plurais. (Trecho da entrevista realizada no dia 18 de abril de 2016)

Assim, entendendo que toda versão é uma interpretação sobre o real que “nossas narrativas nos instituem e constituem” (MOTTA, 2013), nas narrativas como processos e produções que muito têm dos narradores, vislumbramos as possibilidades que se abrem por meio das buscas dos jovens pelos olhares possíveis, mediados pelas experiências e dinâmicas do encontro. E, com o encontro com os meios de produção da comunicação, as linhas que a tecnologia desenha e que os usos permitem, os jovens inventam, produzem, constroem novas imagens, subjetividades, olhares, entendendo que essa relações acontecem atravessadas por contextos distintos.

Citando Halbwachs (2006), Martins aponta que a memória se constrói e se revive nas relações cotidianas, lembrando que “nossa memória não se apóia na história aprendida, mas na história vivida (HALBWACHS, 2006, p.78). Entendendo as experiências dos jovens participantes do projeto Memórias como diversas formas de caminhar pelo Morro de Santiago simbólico, atravessado pelas narrativas consumidas, e de construir novas narrativas – estas atravessadas pelos contextos, vivências e consumos – por meio das trocas, das rodas de conversa, dos olhares em diálogo.



## Referências

AMORMINO, Luciana. A construção narrativa do passado em Narradores de Javé. In: **Narrativas e poéticas midiáticas – Estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013.

BATISTA, Raphaele. Jovens são protagonistas no Cuca Jangurussu. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 7 de setembro de 2015.

BONIN, Jiani; Saggin, Livia. **Reflexões teóricas para pensar as relações entre mídias, identidades culturais, movimentos sociais e cidadania**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF - Vol.10 • nº1 • abril 2016

BRAGA, Tiago. Jovens jurados de morte são proibidos de sair do Morro. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 20 de setembro de 2011.

CORNELSEN, Elcio Loureiro, VIEIRA, Elisa Maria Amorim, SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). **Imagem e Memória**. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, 2012.

FIUZA, Tatiana Monteiro. **Estudo das relações entre práticas de violência e acesso em território da estratégia da saúde da família**. 2015. 206f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva.

GORCZEWSKI, Deisimer, SOARES, Sabrina Késia de Araújo. Imagens de si e do mundo incidindo e fazendo emergir composições singulares e coletivas. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes, LIMA, Fernanda Deborah Barbosa (Orgs.). **Arte jovem: redesenhando fronteiras da produção artística e cultural**. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2014, v.2.

GORCZEWSKI, Deisimer. **Micropolíticas Juvenis de Visibilidade Comunicacional e Midiática numa Comunidade Periférica em Porto Alegre**. In: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. 2010. **Censo Demográfico – 2010**. Disponível em:  
[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados\\_subnormais/aglomerados\\_subnormais\\_tab\\_brasil\\_zip.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/aglomerados_subnormais_tab_brasil_zip.shtm)

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto (Orgs.). **Narrativas e poéticas midiáticas – Estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013.

LIMA, Antonio Diogo Fontenele de. **Sorrisos de jovens nas periferias da vida: o que revelam e o que ocultam de suas experiências e trajetórias**. 2011. 302f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.



MACIEL, Wellington Ricardo Nogueira. O imaginário social da fundação de Fortaleza: fatos, marcos e personagens. O público e o privado. **Revista do PPG em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará – UECE**. Nº 21. Janeiro/Junho 2013.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. **Memória de jovens: diálogos intergeracionais na cultura do Charme**. 2010. 261f. – Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense (UFF), Programa de Pós-Graduação em Educação.

\_\_\_\_\_. **Memória de jovem: apontamentos para a elaboração de um conceito**. In: XXIX Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, 2013. Disponível em <http://actacientifica.servicioit.cl/>

MATOSINHOS, Leandro, MENDONÇA, Ricardo F. Tá na Rede! – a produção coletiva de um jornal comunitário. In: LIMA, Rafaela Pereira (Org.). **Mídias Comunitárias, juventude e cidadania**. Belo Horizonte: Autentica/ Associação Imagem Comunitária, 2006. 320 p.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora da UnB, 2013. v. 1. 254p.

\_\_\_\_\_. **A narrativa mediada e a permanência da tradição: percurso de um anti-herói brasileiro**. Estudos de literatura brasileira contemporânea. N. 38, jul./dez. 2011, p. 185202

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

PELLANDA, Nize Maria Campos, GUSTSACK, Felipe. Autonarrativas e invenção de si. In: GORCZEWSKI, Deisimer (Org.). **Arte que inventa afetos** - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015. (Estudos da Pós-Graduação).

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu - A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

ZANETTI, Daniela. Cenas da periferia: auto-representação como luta por reconhecimento. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v.11, n.2, maio/ago. 2008.

\_\_\_\_\_. **Narrativas das periferias para o discurso do reconhecimento?** In: XX Encontro Anual da Compós, 2011, Porto Alegre. In: Anais do XX Encontro Anual da Compós, 2011.